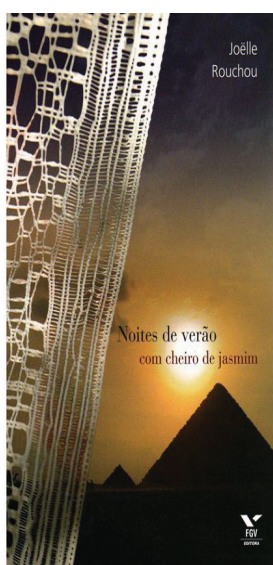


Revista

HOSPITALIDADE

ISSN 1807-975X

V. VI, número 2 - Dezembro 2009



ROUCHOU, Joëlle. *Noites de verão com cheiro de jasmim*.

Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 189 p.

Realizada por Rafael Galvão Monteiro, mestrando em Hospitalidade e bacharel em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: rafa_galvs@hotmail.com

Noites de verão com cheiro de jasmim é fruto do minucioso trabalho desenvolvido pela jornalista Joëlle Rouchou sobre a memória de imigrantes judeus do Egito que chegaram ao Rio de Janeiro entre 1956 e 1957. A autora busca por meio da obra em questão compartilhar com o leitor o relato desses judeus que foram expulsos do Egito em razão da nacionalização do país pelo então presidente Gamal Abdel Nasser, e busca sob a ótica dos estudos sobre memória e identidade analisar o material coletado em entrevistas, tentando compreender do ponto de vista desses exilados a versão dos acontecimentos, e de que forma reconstruíram suas vidas e identidades em um país estrangeiro de cultura tão distinta.

Expulsos de uma terra que consideravam sua, onde muitos já estavam estabelecidos há mais de três gerações, esse grupo de judeus é entrevistado pela pesquisadora, que investiga também como essas versões da história foram transmitidas para a segunda geração já criada no Rio de Janeiro.

Também conhecido como o segundo êxodo, essa segunda saída dos judeus do Egito foi também vivenciada pela própria autora, nascida em Alexandria, e trazida aos três meses de idade pelos pais para o Rio de Janeiro, onde viveu por 21 anos como apátrida.

Joëlle Rouchou é jornalista graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. A publicação em questão é resultado de sua tese de doutorado e de sua experiência na área de jornalismo e história oral adquirida nas redações do *Jornal do Brasil* e revista *Veja*, assim como em seu atual trabalho de pesquisa na Casa de Rui Barbosa, que apresenta entre seus objetivos a preservação da memória nacional.

Organizada em três capítulos, introdução e considerações finais, a obra de Rouchou traz ao leitor uma pesquisa clara, objetiva e respeitosa sobre a memória dos judeus sefarditas do Egito que se exilaram no Rio de Janeiro.

O primeiro capítulo, intitulado *Identidade e Memória*, aborda de forma mais abrangente os temas da formação da identidade individual e coletiva, principalmente da identidade judaica baseada nos depoimentos coletados nas entrevistas realizadas com os exilados e filhos de imigrantes de judeus do Egito no Rio de Janeiro. Inicialmente, é traçado um breve perfil dos 15 entrevistados, sendo apenas quatro deles filhos de imigrantes da primeira geração, e apresentadas também as justificativas da escolha destes indivíduos. De forma concisa, a autora justifica ainda a escolha e as vantagens da utilização da história oral como metodologia para o desenvolvimento do presente trabalho. Rouchou lembra que tendo sua pesquisa baseada nos relatos dos entrevistados, mostrou-se necessária a utilização de outros materiais de suporte como bibliografia específica e documentos.

Ao discorrer sobre a teoria dos estudos de identidade, a autora fundamenta-se em pesquisadores como Hall e Bhaba para aproximar a questão do jogo das identidades, facilmente ilustrado pelo caso dos seus entrevistados, em que os indivíduos se vêem forçados a negociar com suas múltiplas identidades e pertencimentos. Isso quer dizer que mesmo considerando-se egípcios, esses imigrantes que já eram acostumados a conviver com as identidades europeias, árabes e judaicas, depararam-se com uma situação em que deveriam mais uma vez reformular sua identidade para adaptar-se a uma nova vida em um país diferente.

Com o auxílio de trechos das entrevistas, é ilustrado ainda neste capítulo o trauma da conciliação da identidade oficial que deixaram para trás com a nova condição de imigrante judeu, muitas vezes apátrida. Mostra-se evidente a dificuldade do grupo em incorporar a nova cultura e tentar encontrar identificações.

A partir da discussão sobre memória fundamentada nos estudos de Bosi, Halbwachs e outros, na qual se entende que a memória pode ser um fenômeno do grupo com a ajuda das

memórias de indivíduos que vivenciaram uma mesma experiência, é possível compreender mais facilmente a escolha da história oral como metodologia. Nesse sentido, Rouchou menciona o peso científico dado à entrevista na história oral diferente do jornalismo, e como foi aplicada a metodologia neste estudo. É levantada também a discussão das vantagens da história oral, como o fato de dar voz a personagens da história nem sempre lembradas, como as minorias.

O segundo capítulo, dividido em três partes – Período Árabe, Independência do Egito e Partilha Palestina, reconta a história dos judeus do Egito e toda sua trajetória desde quando retornaram ao país após o “primeiro” êxodo, até a nacionalização do país na década de 1950.

Como relatado por Rouchou, uma das mais antigas comunidades da diáspora, os judeus, que no final do século XIX e início do século XX já eram praticamente todos urbanos, políglotas e de classe média, tiveram importante participação no desenvolvimento econômico do país.

Somente com o início dos movimentos nacionalistas judeus e árabes é que se intensificaram os conflitos entre estes povos no Egito. No entanto, os eventos que mais claramente marcaram o início das hostilidades contra judeus foram a partilha da Palestina e criação do Estado de Israel, e a nacionalização do Canal de Suez em 1956. Perseguições, prisões, mortes e fuga de milhares de judeus do Egito para Israel tiveram início logo que o Estado foi criado. Com a ascensão de Nasser ao poder em 1955, os judeus começaram a ter seus bens confiscados e industriais eram obrigados a vender suas empresas ao governo egípcio.

Com prazos curtíssimos para sair o país, a partir de 1957 judeus e outros estrangeiros tiveram de abandonar todos seus bens e objetos de valor e partir com apenas 20 libras egípcias para o primeiro país que lhes ofereciam visto. Muitos optaram por não ir para Israel, pois já não mais agüentavam viver num país em guerra, então nesse cenário o Brasil mostrava-se como uma boa opção para recomeçar a vida.

Como mencionado por Rouchou, “chegaram ao Brasil como imigrantes. Mas saíram como exilados”. No terceiro e último capítulo do livro, a autora trata mais detalhadamente da chegada destes exilados ao Rio de Janeiro, e por meio da análise das fontes orais produzidas, reconta a trajetória e reaviva a memória dos entrevistados para tentar compreender a formação da identidade deste grupo, e como se deu seu estabelecimento e adaptação no Brasil.

Para que se possa compreender melhor a integração desse grupo de imigrantes na sociedade carioca, foi traçado um breve panorama da situação política e econômica em que se encontrava o Rio de Janeiro na década de 1950.

Apesar de todos os entrevistados terem chegado ao Brasil já em idade adulta, a maioria conta que mesmo não tendo sido fácil adaptar-se no Rio de Janeiro, conseguiu com o tempo aprender a língua e acostumar-se com os novos hábitos. No entanto, fez-se evidente o sofrimento e a relutância dos mais velhos em se adaptar à nova cultura, ao idioma e à situação do Brasil.

É dada ênfase ainda, à questão da língua como representação da pátria para o exilado, e seu suporte para construção ou manutenção da identidade, como é o caso relatado por um dos entrevistados da segunda geração que pretende ensinar francês ao seu filho com o intuito de estabelecer uma ponte entre as gerações e manter viva a memória de seu falecido pai.

Com o apoio teórico de especialistas como Pollack e Halbwachs, Rouchou lembra o leitor que a memória é utilizada como pontos de referência para reconstruir o passado com a mentalidade e maturidade de hoje, e não simplesmente reviver uma experiência. Nesse sentido, a maioria dos entrevistados diz não ter vontade de retornar ao seu país natal, pois sabem que o Egito atual não é o mesmo daquele cenário de suas melhores lembranças de infância.

Como é lembrado no próprio título da obra, o cheiro de jasmim e as lembranças de uma perfumada noite de verão fazem parte da memória afetiva tão mencionada pelos entrevistados que se transforma em palavras por meio de cores, sons, cheiros, sabores e outras sensações. Repetidamente, lêem-se relatos sobre a brisa do Mediterrâneo, o Nilo, os pores-do-sol etc.

Nota-se ao ler os relatos dos entrevistados que suas memórias traduzem-se ora em trauma, ora em saudade. Alguns dos entrevistados, em meio a lágrimas, até hoje não se conformam com a saída do Egito e o constrangimento da expulsão.

Percebeu-se que a segunda geração pouco sabe sobre toda a dor vivida pelos pais e, portanto, não incorporou o discurso de sofrimento. Pelo contrário, lembram-se apenas das boas memórias a eles contadas de um país de sonhos que não existe mais ou que nunca existiu.

Apesar de ter sido percebido que muitos dos imigrantes/exilados mostraram ter preferido não transmitir aos seus filhos as memórias traumáticas da expulsão, aqueles descendentes que tiveram acesso a essas memórias dizem valorizar muito o conhecimento do sofrimento dos pais como uma lição de tolerância.

A presente obra apresenta grande relevância para estudos sobre os temas de identidade judaica e memória de imigrantes de forma geral, por incluir importante discussão de estudos teóricos fundamentados em grandes pesquisadores e aplicados ao objeto de pesquisa. É váli-

do parabenizar a autora pelo cuidado e pelo trabalho minucioso de entrevistar e tratar todo o acervo de fontes orais produzidas, e ainda de analisá-las de forma tão respeitosa.

Além da importância acadêmica deste estudo, vale ressaltar a relevância da compilação e preservação da memória e identidade desse povo para as gerações vindouras.

Por fim, mostra-se aqui a oportunidade de outra percepção desse magnífico estudo: a análise dos relatos de chegada dos imigrantes ao Brasil a partir do olhar da hospitalidade.